



CHICO AMARAL

Email para esta coluna: cultura.em@uai.com.br

## Nada de novo sob o sol

A frase do *Eclesiastes* é uma das mais agudas da cultura universal. Seu único defeito é ser aguda demais: serve pra tudo, por exemplo, a situação da política mundial ou da canção brasileira hoje. Torna-se assim encantatória; funciona sem que se saiba exatamente por quê. É poesia das mais inspiradas, de uma época em que a poesia parecia ser um dom natural do espírito humano.

Depois veio a tradição, e isso às vezes nos atrapalha. O novo deve se separar um pouco da tradição. Nossa época foi muito corajosa na sua ignorância, tanto quanto ignorante na sua coragem.

Só uma  
coisa pode  
guiar os  
artistas hoje:  
o prazer  
desprendido  
naquilo que  
se faz

Na música pop sempre houve um pouco de ignorância. Ou daquilo que Thomas Mann chamou de “robusta ingenuidade”. A arte dos nem tão bem informados pode ser inventiva. Assim como a dos bem informados. Ambas podem também cair no “epigonismo”, a repetição previsível e menor de uma arte excelente.

Só uma coisa pode guiar os artistas hoje: o prazer desprendido naquilo que se faz. Sem querer inventar a roda. Postura inocente, isenta de culpa, que de repente pode até gerar o novo.

EUGÊNIO GURGEL



John Pizzarelli se apresentou domingo em BH

## Show

Gosto do novo, embora esteja ficando velho para as novidades. Como o avô de um amigo que, ao ser avisado de que seria apresentado a uma pessoa, pediu: “Meu filho, não me apresente a mais ninguém, já conheço gente demais”.

Mais importante do que o novo é a qualidade. John Pizzarelli, por exemplo, é aquilo: o trio de Nat King Cole + João Gilberto. A primeira parte da soma é a sua melhor parte. Quando ele cai no samba fica meio gringo, não pelo sotaque “boussa nouva”, e sim pela diferença de acabamento musical. A parte jazz é trabalhada com refinamento.

Mas ninguém fale mal de John perto de mim. Ele é um sucesso. Toca muito bem (como tocam os músicos americanos!), canta lindamente, segue com sinceridade e competência a tradição de Chet Baker. E entretém o público. Ao cantar *Estate*, uma das canções do disco *Amoroso*, 77, de João, referiu-se ao álbum como “um dos melhores discos já gravados, considerando inclusive os Beatles”, no que está absolutamente certo. Ruy Castro conta que João Gilberto aprendeu a canção ao se apresentar numa boate italiana, em 63, onde Bruno Martino, autor da canção, também trabalhava. Acompanhando João estavam Milton Banana, na bateria, Tião Neto no baixo e João Donato ao piano. Um quarteto tão impressionante quanto os Beatles.

No final do show em Belo Horizonte, Pizzarelli prestou todas as homenagens a Toninho Horta, tocando *Esperando Ângela* e *Aquelas coisas todas*, do compositor mineiro. Acho perfeita a aproximação de Toninho a João. Seu violão aprofunda tudo aquilo surgido com o baiano.

## Disco

*Batida diferente* é uma antologia saborosa da obra de Durval Ferreira, recheada de clássicos como *Chuva*, *Tristeza de nós dois*, *Nuvens* (gravada de forma insuperável por Cannonball Adderley com Sérgio Mendes, em outro disco), *Estamos aí*, e tantos outros. Há vários anos sou fã de Durval, sem saber que ele parecia tanto com Mario Vargas Llosa.

O disco já começa bem, com o piano de Osmar Milito, e assim continua, com praticamente todos os craques da cena instrumental carioca. Numa edição resumidíssima dos “melhores momentos”, podemos apresentar a introdução de Osmar para *Estamos aí*, a interpretação de Leny Andrade em *Vivendo de ilusão*; o trompetista Cláudio Roditi em *Batida diferente*; a alegria de *Estamos aí*, com “batalha de saxes”, o solo de sax de Marcelo Martins na mesma faixa; o molho bem temperado das bases, com o clássico violão de Durval ao centro. O maior destaque fica mesmo, é evidente, para as composições (*Batida diferente*, selo Guanabara).